



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA PATRÍCIA DOS SANTOS RABELO

**IMPACTOS PARA A IDENTIDADE DE CRIANÇAS QUE VIVEM NO CAMPO E
ESTUDAM EM ESCOLA URBANA NA CIDADE DE MIRACEMA DO TOCANTINS**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2023

Maria Patrícia dos Santos Rabelo

**Impactos para a identidade de crianças que vivem no campo e estudam em escola
urbana na cidade de Miracema do Tocantins**

Monografia apresentada à Universidade Federal do
Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema
para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R114i Rabelo, Maria Patricia dos Santos.
Impactos para a identidade de crianças que vivem no campo e estudam em escola urbana na cidade de Miracema do Tocantins. / Maria Patricia dos Santos Rabelo. – Miracema, TO, 2023.
50 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2023.
Orientador: Antônio Miranda de Oliveira
1. Educação rural. 2. Assentamento Mundo Novo. 3. Transporte escolar. 4. Cultura. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA PATRÍCIA DOS SANTOS RABELO

IMPACTOS PARA A IDENTIDADE DE CRIANÇAS QUE VIVEM NO CAMPO E
ESTUDAM EM ESCOLA URBANA NA CIDADE EM MIRACEMA DO TOCANTINS

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de licenciatura em Pedagogia, foi avaliado para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 12 / 06 / 2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Miranda de Oliveira, Orientador – UFT.

Prof. Dra. Luciane Silva de Souza, Avaliadora – UFT.

Prof. Msc. Maria das Graças Pereira Silva, Avaliadora – SEMEC - Lajeado

Dedico este trabalho a minha família, ao meu irmão Luciano Alves Santos (in memoriam), e aos meus amigos do curso, que contribuíram muito na minha caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me concedido saúde, disposição e força para concluir o curso. Em segundo lugar, a minha família, em especial, minha mãe, por ter me apoiado, pois, perto ou longe, sempre me incentivou a estudar.

Gostaria de agradecer e dedicar aos meus irmãos, em especial, ao Elton Alves, por sempre me apoiarem.

Aos discentes do curso, Adeybson Araújo, Cshannaya Gomes, e Maelen Vieira, por terem caminhado comigo nessa jornada, que, com o passar do tempo, nos tornamos amigos, compartilhamos muitas experiências durante o curso, e por partilharmos momentos incríveis extra faculdade.

Aos professores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, Campus Miracema, pelos ensinamentos, aprendizados e experiências que me permitiram que resultaram no meu processo de formação acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Miranda de Oliveira, que acreditou no meu potencial nesse processo de escrita do TCC. Nunca esquecerei dos ensinamentos repassados durante suas aulas, das orientações, assim, mostrando-me o verdadeiro significado da palavra professor.

Aos professores e colaboradores da escola Brigadeiro Lsias Rodrigues, e aos moradores do Reassentamento Mundo Novo, que contribuíram para a obtenção dos resultados dessa pesquisa, e também à professora que trabalhou na escola Municipal Campo Verde. Gratidão a todos.

RESUMO

Esse estudo é a pesquisa monográfica de conclusão do Curso de Pedagogia e teve como objetivo investigar os impactos causados para as identidades culturais de crianças que vivem no campo e estudam na escola urbana da cidade de Miracema do Tocantins. Fez-se uma pesquisa qualitativa baseada em uma pesquisa de campo, tendo como instrumento de coleta de dados, um questionário contendo sete questões, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com professores que atuam em escola urbana que atendem crianças da comunidade do Reassentamento Mundo Novo. Constatou-se que os espaços rurais constituídos pelos povos camponeses se encontram excluídos, pois quando se instituiu a concretização da educação formal no Brasil, o acesso a ela ficou exclusivamente para poucos grupos privilegiados, enquanto que os cidadãos do campo foram esquecidos dessa “conquista educacional”, uma vez que as escolas do campo estão sendo fechadas e seus alunos transportados para escolas urbanas, e que o poder público não está garantindo adequadamente o transporte das crianças para a escola. Percebeu-se ainda que a escola é um espaço importante para discussão acerca da identidade e da cultura de seus integrantes.

Palavras-chaves: Cultura. Identidade. Escola. Transporte escolar. Assentamento.

RESUMEN

Este estudio es la investigación monográfica para la realización del Curso de Pedagogía y tuvo como objetivo investigar los impactos causados a las identidades culturales de los niños que viven en el campo y estudian en la escuela en la ciudad de Miracema do Tocantins. Se realizó una investigación cualitativa basada en una investigación de campo, teniendo como instrumento de recolección de datos, un cuestionario, que contiene siete preguntas realizadas a través de entrevistas semiestructuradas a docentes que laboran en una escuela urbana que atiende a niños de la comunidad de Reasentamiento Mundo Novo. Se constató que los espacios rurales constituidos por pueblos campesinos están excluidos, pues cuando se instituyó la educación formal en Brasil, el acceso a ella era exclusivo de unos pocos grupos privilegiados, mientras que los ciudadanos rurales fueron olvidados de esta “logra educativa”. Se están cerrando escuelas y transportando a sus alumnos a escuelas urbanas, y el poder público no está garantizando adecuadamente el transporte de los niños a la escuela. También se percibió que la escuela es un importante espacio de discusión sobre la identidad y cultura de sus integrantes.

Palabras clave: Cultura. Identidad. Escuela. Transporte escolar. Asentamiento.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Muro e fachada da EMTI Campo Verde	23
Figura 2 - Estrutura interna da EMTI Campo Verde	24
Figura 3 - Rede de alta tensão que cruzam o Reassentamento	25
Figura 4 – Galinheiro.....	26
Figura 5 - Horta no Reassentamento	26
Figura 6 - Fachada da EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues, onde as crianças estudam.....	29
Figura 7 - Atividade de geografia, na escola urbana	32
Quadro 1 - Perfil dos participantes que trabalham na EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues ...	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGCom	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
UFT	Universidade Federal do Tocantins
CNE/CEB	Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente

SUMÁRIO

1	MOTIVAÇÕES ACADÊMICAS E PESSOAIS E O PERCURSO DA PESQUISA.....	10
1.1	Introdução.....	10
1.2	Percurso metodológico da pesquisa.....	12
2	DISCUTINDO O RURAL E O URBANO: ESCOLA RURAL E ESCOLA DO CAMPO.....	15
2.1	Discutindo o Rural e o Urbano.....	15
2.2	Escola Rural e Escola do Campo.....	18
3	PESQUISA DE CAMPO: PAPEL DA ESCOLA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL.....	22
3.1	Caracterizando o Reassentamento Mundo Novo.....	22
3.2	Apresentando a pesquisa de campo.....	26
3.2.1	A escola rural fechada: o que dizem professores e as famílias.....	26
3.2.2	A escola urbana onde as crianças do Reassentamento estudam.....	28
3.2.2.1	<i>Papel da escola para a construção da identidade cultural.....</i>	<i>30</i>
3.2.2.2	<i>Contribuição da escola na formação da identidade das crianças do campo</i>	<i>31</i>
3.2.2.3	<i>Razões do histórico de ausência dos alunos do campo e o que a escola tem feito acerca dessa situação.....</i>	<i>34</i>
3.2.2.4	<i>Diferenças culturais entre os alunos.....</i>	<i>35</i>
3.2.2.5	<i>Ações realizadas pela escola que contribuem para a formação da identidade do aluno do campo.....</i>	<i>36</i>
3.2.2.6	<i>Participação dos pais ou responsáveis nas atividades escolares.....</i>	<i>37</i>
3.2.2.7	<i>A importância de se ter uma escola no Reassentamento Mundo Novo.....</i>	<i>38</i>
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICES.....	46

1 MOTIVAÇÕES ACADÊMICAS E PESSOAIS E O PERCURSO DA PESQUISA

Nesta seção, nosso objetivo foi mostrar a temática de estudo dessa pesquisa monográfica, informando o movimento que fizemos ao articular minha própria história de vida com uma temática de estudo no âmbito da formação docente, no curso de Pedagogia, mas também informando o modo como tratou-se dessa questão do ponto de vista de questões do campo da pesquisa, especialmente o recorte metodológico. Está organizada em dois itens, o primeiro é uma breve introdução e o segundo é o espaço onde colocou-se o percurso metodológico da pesquisa.

1.1 Introdução

Este trabalho é monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, realizado no âmbito das atividades acadêmicas da UFT/Campus de Miracema. Iniciei minha formação no Curso de Pedagogia da UFT/Campus de Miracema no segundo semestre de 2019. Originária do interior do Maranhão, tendo vivido na pele os problemas da marginalização no acesso à educação por parte de populações que vivem no campo em minha região de origem, eu não imaginava que poderia tomar como tema de estudo essa situação.

Na medida em que foi avançando a formação docente no contexto das atividades de ensino, pesquisa e extensão no curso de pedagogia, também fui amadurecendo a ideia de estudar a educação ofertada para populações rurais. O estágio supervisionado do curso e a participação em atividades programadas pelo Grupo de Pesquisa EDURURAL, fortaleceram a perspectiva de transformar essas inquietações em objeto de estudo no âmbito da pesquisa monográfica.

O presente estudo versa sobre os impactos para a identidade de crianças que vivem no campo e estudam em escola urbana na cidade de Miracema do Tocantins. É sabido o fato de ocorrer, nas últimas décadas, o fechamento de escolas rurais no Estado do Tocantins. “Como política pública, bem como seus efeitos para os estudantes assim como também suas famílias. O fechamento de escolas do campo tem aumentado significativamente nos últimos anos no Brasil” (FERREIRA; BRANDÃO, 2017).

Essa ação do Estado em relação ao campo demonstra uma falta de interesse do poder público de certas cidades que não levam em consideração as reivindicações da população rural, diante desse processo de fechamento das escolas, quase sempre fundamentados numa análise econômica que coloca um peso muito grande na ideia de educação pensada como despesa.

Nesse sentido, uma alternativa posta em prática em todo o Brasil, especialmente após o processo de municipalização da educação infantil e primeira etapa dos anos iniciais por razões legais¹ é a política do transporte escolar de crianças que vivem no campo para estudar em escolas urbanas. Em Miracema não tem sido diferente.

Considerando as questões acima mencionadas, decidiu-se tomar essa realidade como objeto de estudo e problematizá-la na pesquisa monográfica de conclusão do curso de Pedagogia. Assim, este estudo traz como problema responder a seguinte indagação: Quais impactos a escola da cidade causa sobre as identidades culturais das crianças que vivem no campo?

Para buscar resposta ao problema da pesquisa, definiu-se como Objetivo Geral deste estudo: Investigar os impactos causados para as identidades culturais de crianças que vivem no campo e estudam na escola da cidade de Miracema do Tocantins. Como Objetivos Específicos, definiu-se os seguintes: Identificar os impactos para a identidade cultural das crianças do campo que estudam em escola da cidade; e, Caracterizar uma comunidade e ou grupo de crianças que vivem no campo e que são transportadas para estudar na cidade de Miracema do Tocantins;

A monografia está organizada em três seções. A primeira denominada “Motivações acadêmicas e pessoais e o percurso da pesquisa”, articulada em dois itens: a introdução, propriamente dita e segundo é o espaço onde colocou-se o percurso metodológico da pesquisa.

Na segunda seção, denominada “**Escola rural e Escola do campo**”, apresentou-se o debate e as discussões acerca dessas duas possibilidades de pensar a oferta de educação básica para as populações do campo.

Na terceira seção, intitulada pesquisa de campo “ papel da escola para a construção da identidade cultural, em que apresentou-se o debate oriundo das leituras e discussões acerca do fechamento da escola, sobre a possibilidade da escola contribuir com a construção da identidade das crianças e fez-se isso mediado pela pesquisa de campo realizada em dois espaços: a escola que recebe as crianças transportadas e a comunidade do Reassentamento Mundo Novo, local onde residem as crianças.

Este estudo mostrou que considerando o princípio de que as comunidades do campo precisam de uma educação que seja *no* e *do* campo e que a escola deve valorizar os saberes, a identidade cultural, a história, e seus valores. Assim como as lutas dos camponeses nos

¹ Lembramos que conforme o artigo 211, da Constituição Federal de 1988, os municípios são responsáveis pela oferta da educação infantil e anos iniciais.

processos formativos, ressalta-se a importância de uma escola na comunidade para atender os estudantes que vivem ali, para que eles tenham acesso à educação de qualidade sem que haja necessidade de se deslocarem para o meio urbano, onde, muitas vezes, seus costumes e valores não são respeitados, e acabam perdendo sua essência e identidade cultural por estarem inseridos em um meio tão diferente da realidade em que vivem.

1.2 Percorso Metodológico da Pesquisa

Anunciou-se no item anterior que a problemática da pesquisa foi responder ao questionamento “Quais impactos a escola da cidade causa sobre as identidades culturais das crianças que vivem no campo”? E que seu objetivo geral foi “investigar os impactos causados para as identidades culturais de crianças que vivem no campo e estudam na escola urbana da cidade de Miracema do Tocantins”.

Considerando a problemática, e os objetivos definidos para esse estudo, bem como a perspectiva teórica de tratamento a ser dado ao tema, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, mediada por uma pesquisa de campo, realizada com o uso da entrevista semiestruturada, realizou ainda observações, o uso de imagens da escola em que as crianças estão matriculadas, de espaços da comunidade do Reassentamento Mundo Novo, da escola que existe nesta comunidade e que foi fechada pelo poder público.

Conforme analisa Amaral (2017) “o trabalho de campo é uma ferramenta essencial, pois permite um mergulho no universo material simbólico dos sujeitos estudados e revela a expressão concreta da práxis, pois é “o contato com os sujeitos em suas frações territoriais que permite apreender os elementos da sua experiência histórica de existência e resistência” (AMARAL, 2017, p. 45-46). Neste trabalho, nossa presença no local onde as crianças vivem, bem como na escola urbana onde estudam, foi importante para compreensão e tratamento dado às informações que constam da terceira seção, mais adiante.

Especificamente, no tocante à pesquisa de campo, seu campo empírico foi o município de Miracema do Tocantins, localizado na região central do Estado do Tocantins, distante 80 km da capital, Palmas. Tomou-se ainda como referência específica para o estudo uma comunidade camponesa, denominada Reassentamento Mundo Novo². As crianças dessa comunidade estão

² Comunidade rural formada no contexto do processo de desterritorialização de famílias que viviam no meio rural, nas margens do rio Tocantins (especialmente no Povoado denominado Lajeado), e que tiveram seu espaço inundado pelas águas do rio Tocantins após o barramento do rio com a construção a UHE – Lajeado. O consórcio de Empresas responsáveis pelo empreendimento (A INVESTCO) organizou o Reassentamento, com casa e uma pequena área de 04 hectares de terra para cada família trabalhar em uma região que não tem água.

matriculadas em escolas que ofertam a primeira fase dos anos iniciais, localizadas na zona urbana da cidade de Miracema do Tocantins.

Por decisão do órgão gestor da educação no município de Miracema, e fundada em questão que se articulam com a política de transporte escolar, nenhuma criança do campo é matriculada em escola de tempo integral, portanto as crianças da comunidade acima mencionada foram matriculadas, em 2022, em duas escolas municipais de Miracema (Escola Municipal Brigadeiro Lísias Rodrigues; Escola Dalva Cerqueira; . O maior número de crianças está na Escola Municipal Brigadeiro Lísias Rodrigues, localizada no Setor Correntinho, local assumido para observações, realização de entrevistas com o corpo docente da escola e ainda realização de visitas e observações na comunidade com adultos responsáveis pelas crianças que residem no Reassentamento, comunidade onde vivem o seu cotidiano.

O trabalho foi desenvolvido mediante três etapas: Pesquisa bibliográfica, visitas *in loco*, realização das entrevistas e análise dos dados. A realização das entrevistas ocorreu mediante esclarecimento e informações aos participantes sobre todas as questões que envolvem o estudo (Conforme Apêndices ao final desse trabalho). No que diz respeito à pesquisa bibliográfica, ressalta-se que:

[...] A pesquisa bibliográfica é aquela que se realizam a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrado. (SEVERINO, 2014, p. 122).

Desse modo a pesquisa apresentada é de cunho bibliográfico e baseia-se num estudo qualitativo, pois o universo das concepções junto aos aspectos da realidade não pode ser quantificado. Na pesquisa qualitativa não há uma preocupação com a representatividade numérica, pois ela busca a compreensão da organização de aspectos sociais. Dentro da abordagem qualitativa esta pesquisa é do tipo descritiva, pois tem o intuito de descrever as informações obtidas nas entrevistas.

Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa, ela está diretamente relacionada ao levantamento de dados sobre determinado grupo, procurando compreender e decifrar o comportamento, a conduta e as expectativas do grupo pesquisado, e, através dela, o pesquisador terá uma visão ampla de todo o seu objeto de estudo. De acordo com (MARCONI e LAKATOS, 2011, p. 32) “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. O pesquisador tem um papel fundamental para o estudo realizado, ele deve formular questões que instiguem os sujeitos da pesquisa a fim de obter clareza perante o assunto

abordado, e, assim, obter maiores e melhores informações que possam contribuir para a pesquisa e análises dos dados.

2 DISCUTINDO O RURAL E O URBANO: ESCOLA RURAL E ESCOLA DO CAMPO

Nesta seção, buscou-se apresentar os resultados de leituras e reflexões realizadas acerca da temática do urbano e do rural, bem como dos debates sobre escola rural e escola do campo.

2.1 Discutindo o Rural e o Urbano

Ao longo do século XX, no nosso país, a chamada “educação rural” representou a universalização do modelo urbano. Os currículos escolares das escolas da "roça" impõem ao/à aluno/a do campo um mundo imaginário, uma realidade social contrastante com as observações e vivências das quais este/a aluno/a é sujeito histórico. Não havia preocupação em aproveitar e explorar a bagagem cultural, os recursos locais, as experiências de vida que a criança traz de casa e do meio cotidiano. Ademais, o acentuado valor que o currículo escolar dá aos fatos sociais distantes e longínquos contribui decisivamente para aumentar o desinteresse do/a aluno/a pela escola e, em consequência disso, é grande o índice de evasão e repetência.

No seu dia-a-dia, a escola brasileira, fundada num referencial urbanocêntrico de cultura, busca adotar um modelo ideal de aluno/a que não corresponde ao aluno concreto que hoje constitui a maior parte dos usuários, particularmente quando se trata da escola pública. Em Miracema, historicamente, vemos isso se repetir na oferta de educação escolar para as populações do campo.

A imagem que o/a aluno/a da roça encontra no espaço escolar é aquela que subestima e subjuga os referenciais culturais não-urbanos, e isto se deve a uma mentalidade “urbanocêntrica” que está presente nas práticas pedagógicas e também no imaginário coletivo que circula entre a sociedade urbana inspirada na real dominação cultural da cidade sobre a roça e, inclusive, da fazenda sobre a roça, bem como sobre as pessoas que vivem nesse espaço.

Como sabemos, o Brasil nasceu rural e muitos estudiosos ainda hoje dizem que este é um espaço que continua tendo muita importância na sociedade brasileira. Segundo a historiografia, o “engenho” e a “fazenda” foram os elementos básicos de implantação da cultura portuguesa no Brasil, nas suas diversas formas.

Olhando para nossa história, vemos que o processo de ocupação portuguesa do território brasileiro decorreu, em grande parte, por meio do desenvolvimento de “engenhos” de açúcar no litoral e de “fazendas” de gado no sertão, cada qual com suas peculiaridades, tanto no que diz respeito à sua função econômica quanto à social e cultural. A criação sucessiva desses

núcleos em áreas diversas resultou na expansão geográfica, no sentido de ocupação da terra, demográfica, e de crescimento da população (SANTOS, 2005).

No caso da formação territorial do sertão onde vivemos (o Tocantins), sabemos que houve, desde suas/nossas origens, uma presença marcante de relações marcadas pelo trabalho agrícola e pecuário, ou seja, relações de dominação de fazendeiros sobre peões, o que caracteriza a vida no meio rural onde vivemos e com intensos processos de dominação, ainda muito presentes.

Até o início do século XIX, o Brasil era uma colônia que sobrevivia de suas atividades agrícolas. Ainda que fossem consideradas as aglomerações urbanas em capitais como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e cidades do interior do Sudeste, grande parte da população nacional vivia nas áreas rurais, e o Brasil poderia ser considerado uma “sociedade agrária”, conforme a tipologia utilizada por Queirós (1978). Entretanto, a partir de 1820, começa a se estabelecer mudanças significativas,

[...] uma separação se opera entre [...] o campo e a cidade, e, no Brasil, emerge uma “civilização citadina” diretamente influenciada pelas maneiras de ser europeias e distanciadas da “civilização rústica”. Como resultado, também, as cidades de vida burguesa assumem uma posição de nítida superioridade em relação às outras cidades e ao campo; os cidadãos, seja qual for sua posição social, se consideram superiores aos habitantes do campo, mesmo que estes pertençam a níveis econômicos mais elevados. A posição de superioridade da cidade contribui para aumentar o seu afastamento do campo. (QUEIRÓS, 1978, p. 60-61).

O Brasil deixou de ser um imenso país rural e a vida na Corte vai se caracterizando cada vez mais pelo modo de ser de sua burguesia, que se refina em comparação com a existência rústica das fazendas e de seu povo. Pouco a pouco a dessemelhança entre “cidade” e “roça” ou entre “cidade” e “interior” foi qualificada pela oposição de dois conceitos: a cidade era “progressista”; o interior, o sertão era “atrasado”. (QUEIRÓS, 1978, p. 249). Essa é uma perspectiva que continua mediando as relações sociais ainda hoje, ou seja, a cidade é portadora de todas as qualidades, e o meio rural de todos os defeitos. No Tocantins e em Miracema não é diferente.

Queirós (1978) observa, entretanto, que ao longo de todo o século XIX, há uma intensa urbanização das cidades brasileiras, mesmo que o País não tenha vivido ainda um processo de industrialização significativo, o que só vai ocorrer a partir de 1920.

Mas, no final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, com o otimismo da República, quando o Brasil se esforçava para entrar na modernidade, a ideologia da modernização contribui, decisivamente, para a negação de suas origens, ou seja, de tudo que lembra o rural. Deveriam ser superados nossos valores rústicos e, gradativamente, incorporados

valores da “civilização”, diga-se, da burguesia europeia. A literatura foi uma fonte importante de disseminação deste ideário modernizante, objetivando a construção de uma identidade nacional, basta olharmos para a produção de Monteiro Lobato³.

Essa é uma questão que se altera profundamente a partir da década de 1950 quando o país vive um intenso êxodo rural, no Tocantins e em Miracema isso também ocorre.

Durante todo o século XX, principalmente a partir do discurso desenvolvimentista pós-anos 50, o meio rural, por ser o residual, passa, então, a ser considerado um não lugar; ou pelo menos um lugar que deveria, pela mão assistencialista e interventora do Estado, ser transformado, ser convertido, ser eliminado, retirando-se, assim, da Nação, os entraves ao nosso desenvolvimento: o povo rude, apegado às tradições e aos valores comunitários; avessos, portanto, à lógica economicista-produtivista-prometeica-individualista que a Modernidade, vestida aqui sob o manto de um capitalismo subdesenvolvido, pretendia imprimir entre nós (LUZ, 1999).

Nos últimos anos, observa-se, principalmente nos meios de comunicação televisivos, uma tentativa de valorização do “rural”, agora representado como um local “modernizado” (vale dizer, “urbanizado”), destinado às monoculturas de exportação e ao agronegócio. Com isto, privilegia-se a perspectiva dos detentores da propriedade da terra, dos empresários do setor agropecuário, que estão preocupados com o estímulo à tecnologia e com o espírito empreendedor. Esta perspectiva não corresponde ao meio rural de Miracema do Tocantins, no entanto, não podemos negar que o capitalismo e o agronegócio vêm causando problemas importantes por aqui também.

Moura (2003) chama a atenção sobre os impactos desse processo para o trabalho formativo da escola e denuncia que em várias regiões brasileiras,

[...] A escola ensinou, durante décadas aos/às alunos/as do campo: que eles, para serem felizes, teriam que migrar para as cidades; que teriam que abandonar a agricultura para ter oportunidade na vida; que a agricultura era o “cabo da enxada”, era o trabalho penoso que seus pais realizavam, porque não sabiam ler; que deviam aprender bem, para não terminar a vida como seus pais; que ser do campo era coisa de matuto, brocoió, pé-rapado, ignorante; que o pessoal da cidade era mais inteligente, falava melhor, tinha vida melhor, pelo fato de viverem na cidade. Além disso: a escola estimulou seus alunos e alunas a tirarem os documentos, para migrarem, para usarem na cidade o pouco que aprenderam; a escola provou para os alunos que agricultura “não veste camisa”, que seus pais não saíam do canto e não melhoravam de vida, porque continuavam na agricultura. Quem duvida que a escola, do campo, desempenhou esse papel? Quem duvida que, em troca do código escrito que ela

³Na obra *Urupês*, Monteiro Lobato, cria o estereótipo do “jeca-tatu”, transformado no caipira, sertanejo do Brasil, a partir das interpretações sugeridas pelo escritor. Essa imagem do homem do campo como alguém que é a encarnação do atraso em todos os sentidos, povoa o imaginário brasileiro até hoje.

ensinou, roubou a identidade, deixou os alunos com vergonha de seus pais e de seu ambiente, baixou sua auto-estima? (MOURA, 2003, p. 18-19).

Podemos verificar que a partir da segunda metade da década de 1990, por força de estímulos do governo federal, ocorreu a implantação de algumas políticas, no âmbito das redes municipais de ensino, que tem provocado alterações que, no caso do Tocantins e em específico do município de Miracema do Tocantins, ainda precisam ser avaliadas para se tomar conhecimento dos impactos dessas medidas para as crianças e para a própria escola.

2.2 Escola Rural e Escola do Campo

De modo geral, duas medidas no movimento do processo de municipalização da educação foram marcantes no período pós Constituição Federal de 1988: o transporte escolar e a nucleação de escolas no meio rural. Essas medidas tiveram impacto considerável para as populações rurais, principalmente para as crianças, no sentido de que não romperam com o caráter urbanocêntrico da escola e seu currículo na cidade e no campo.

Somada a essas medidas temos as lutas dos movimentos sociais que tornaram possível a criação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002 (BRASIL, 2002). Essas diretrizes representam avanço importante no processo de pensar uma escola que leva em conta em seu projeto pedagógico a perspectiva histórica e cultural das populações do campo.

Temos observado que ao longo desse tempo suscitaram a constatação de que as representações sociais que os/as professores/as têm sobre o/a aluno/a do campo e sua cultura, geralmente negativas, alimentadas por um imaginário social que deprecia o campo e seu povo, o que fez contribuir para a efetivação de um currículo “urbanocêntrico”, que acaba por fazer com que a passagem dos/as alunos/as da roça pelos bancos escolares da cidade seja permeado por processos de marginalização.

Sérgio Celani Leite, em *Escola Rural: urbanização e políticas educacionais* (LEITE, 1999), estudando as políticas educacionais para as áreas rurais no Brasil ao longo de todo o século XX, demonstra que o desinteresse do Estado em promover uma política educacional adequada ao “homem do campo” levou a “escola rural” a uma tentativa de imitação da escola urbana, concorrendo para a descaracterização de comunidades camponesas.

Noeli Gameli Reali, na obra *Ouvidos dominantes, vozes silenciadas: a presença/ausência dos migrantes rurais no currículo escolar* (REALI, 2001), constata que há um silenciamento da memória “camponesa” nos currículos das escolas urbanas que recebem

“migrantes rurais”; os materiais didáticos, a prática docente, o currículo, enfim, negam a política do “outro”, reforçam padrões culturais conservadores e excludentes, e, portanto, promovem o apagamento de identidades possíveis:

A identidade cultural das crianças migrantes é sistematicamente apagada num jogo onde o poder – desigualmente distribuído – vai definindo os vencedores. Os ouvidos dominantes da professora vão silenciando as vozes e a memória das crianças migrantes. [...] O que constatei foi a fabricação do/a operário/a e o apagamento da memória camponesa. (REALI, 2001, p. 13).

Sendo assim, entendemos que a escola é o espaço de formação social, cultural e política dos sujeitos, ao mesmo tempo, que esta possui como função social a socialização dos saberes acumulados e os processos de reelaboração e produção dos conhecimentos pelos homens ao longo dos tempos. Portanto, para aqueles que vivem no campo, é também um espaço de luta e resistência.

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. “Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo” (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2004, p. 14). Sabemos, por outro lado, que não há um único tipo de escola.

A velha escola rural continua em vigor entre nós, mas o movimento por uma educação do campo pensa uma escola que leve em consideração a identidade cultural dos sujeitos que vivem no e do campo. Por isso, os professores na dinâmica da educação do campo são considerados sujeitos em construção, assim como os alunos. No entanto, aos educadores cabe a tarefa de perguntar-se quem são os sujeitos com os quais compartilham experiências de vida durante o ano letivo, haja vista que cada aluno tem sua identidade, sua história e o professor também. “Por isso os professores devem perceber o quanto é importante assumir sua história para que então, possam descobrir a pessoa que está por trás do rosto de cada criança, jovem ou adulto, e então, conheçam sua história, respeitem suas diversidades e seus direitos” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011).

É importante neste contexto, a dimensão apresentada por Leite, afirmando que:

Pensar a escola rural é pensar o homem rural, seu contexto, sua dimensão como cidadão, sua ligação com o processo educativo. É questionar sua ligação direta com a qualificação profissional e seu grau de comprometimento e interferência na formação sócio-política dos rurícolas e a forma como tem acompanhado as transformações ocorridas no campo. (LEITE, 1999, p. 14).

Para Therrien e Damasceno (1994, p. 07), “a educação constitui uma prática social e histórica que se liga diretamente à vida objetiva e subjetiva dos sujeitos envolvidos na referida prática”. Isso coloca a importância de se investigar as questões pertinentes ao processo de formação da identidade cultural das crianças que vivem no campo e são transportadas para estudar na escola urbana em Miracema.

Pode-se dizer que a educação, enquanto direito fundamental, foi ao longo dos anos, negligenciada às classes mais pobres da população brasileira. E em decorrência disso, realizaram-se lutas, organizadas em todo país, para que se estivessem direitos constitucionais que garantissem uma educação que atendesse os excluídos. É óbvio que transformar anseios, historicamente negados em legislação, representa, sem sombra de dúvidas, um avanço, uma conquista relevante, mas, enquanto isso não se materializar em políticas de ações concretas desenvolvidas nos municípios de todo país, tais medidas não passarão de um amontoado de palavras "boas e bonitas", presente na Constituição de 1988 e na legislação da educação brasileira.

“Sempre” existiram escolas no campo, no meio rural, mas a escola e a educação que denominamos do campo é fruto das lutas dos movimentos sociais e tem uma história de um pouco mais de trinta anos (contados a partir da primeira Conferência de Educação do Campo realizada em 1988).

Sem sombra de dúvida que a origem da educação do campo está marcada por processos históricos de luta pela terra em todas as regiões do Brasil. Essas lutas são parte daqueles movimentos que ocorrem em nosso país desde sua primeira invasão pelos europeus colonizadores. De lá para cá muita coisa mudou, mas existe uma característica que marca profundamente a sociedade brasileira que é o modo como se definiu, ao longo da história, acerca da apropriação e do uso da terra entre nós.

Não há uma escola única, ela é plural e diversa, assim como são as populações atendidas. Há diferentes projetos de escola, de educação, e eles estão em disputa pelos diferentes grupos sociais no interior da sociedade. Precisamos compreendê-los, ouvi-los e dialogar com eles, para que possamos ir produzindo mudanças na escola, mas conscientes dos limites da escola burguesa que nós e o estado inventamos. Daí a importância do entendimento dos conceitos.

O termo campo⁴ não é apenas um substituto do termo rural. Para Fernandes:

⁴O governo municipal de Miracema e seu órgão gestor da educação encontrou um jeito de dizer para a população que suas escolas rurais são “escolas do campo”. Decidiu de forma rasteira mudar o nome das escolas e acrescentar no nome de todas as escolas a expressão “do campo”. Problema resolvido por decreto.

O campo é um espaço de trabalho e educação: O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e industrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por isso tudo, o campo é lugar de vida e, sobretudo, de educação. (FERNANDES, 2005, p. 137).

Este é um modo de pensar a educação e a escola como resultante das contradições vividas pelos diferentes sujeitos que vivem no campo. Neste sentido, ela é do campo, por que é pensada juntamente com estas populações. A antiga escola rural que ainda é atual é limitada neste sentido. A escola no/do campo é diferente da escola rural. Por isso consideramos importante fazer um estudo que leve em conta a dimensão da cultura das pessoas envolvidas neste universo educacional.

3 PESQUISA DE CAMPO: PAPEL DA ESCOLA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Nesta seção apresentou-se a pesquisa de campo que tomou como referência os espaços onde as crianças estão: uma escola urbana, na cidade de Miracema do Tocantins; a escola local do lugar onde vivem que foi fechada pelo Governo Municipal de Miracema, no Reassentamento Mundo Novo, bem como os resultados das observações, e de entrevistas realizadas com docentes das escolas citadas e de pessoas responsáveis pelas crianças e que moram no Reassentamento, mediando as informações colhidas e suas análises com a perspectiva das possibilidades de pensar o papel da escola para a construção da identidade cultural das crianças, e caracterizar uma comunidade e ou grupo de crianças que vivem no campo e que são transportadas para estudar na cidade de Miracema do Tocantins.

3.1 Caracterizando o Reassentamento Mundo Novo

Os governos militares, ainda durante o período do regime militar, programaram a construção de várias usinas hidrelétricas no curso do rio Tocantins, iniciando com a usina construída na cidade de Tucuruí, Estado do Pará e, posteriormente no início dos anos dois mil começou o processo de barramento do rio Tocantins, na cidade de Lajeado e Miracema do Tocantins. Essa obra foi concluída no ano de 2002, através do consórcio denominado INVESTCO S.A.

Com a formação do lago da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Guimarães, popularmente conhecida como Usina Hidrelétrica do Lajeado, a população que residia em um povoado denominado Lajeadinho, há 35 km ao sul da sede do município de Miracema e próximo ao local onde foi feito o barramento do rio, ficou submersa. Nesse povoado as famílias viviam mediadas pelo trabalho na agricultura e comercializavam seus excedentes na cidade de Miracema do Tocantins. Nesse povoado havia uma escola que atendia essa população.

Após a construção da usina esse povoado foi submerso pela formação do lago e parte da população, no processo de negociação com o consórcio de empresas responsáveis pela construção da Usina, denominado INVESTCO S.A. negociou a aquisição de um imóvel rural e a realização da infraestrutura básica (construção de casas, rede de energia e água) com o objetivo de assentar as famílias oriundas do povoado Lajeadinho. De acordo com Amaro:

O grupo INVESTCO S.A. responsável pela construção da Usina Hidrelétrica transferiu as famílias para o Reassentamento Mundo Novo, há 23 km da cidade de

Miracema do Tocantins. Em janeiro de 2001 as famílias receberam sua casa própria em alvenaria, com instalações elétricas, hidráulicas e sanitárias. O Reassentamento ficou constituído por 19 casas (Famílias), e seu respectivo lote de 4 hectares de terra, e mais uma área de terra para o plantio comunitário usado conforme as regras da associação de moradores. Também em janeiro de 2001 o grupo INVESTCO S.A. construiu no Reassentamento a Escola Municipal Campo Verde. (AMARO, 2016, p. 11).

Ainda de acordo com esse estudo:

(...) em 2001 o grupo INVESTCO S.A construiu no Reassentamento a Escola Municipal Campo Verde que contava com: 06 salas de aula, 01 sala de professores, 01 cantina, 01 biblioteca, 01 depósito para alimentos, 01 banheiro para funcionários, 02 banheiros masculino e feminino, 01 saguão e a horta escolar (AMARO, 2016, p. 11-12).

A escola quando teve suas atividades encerradas, era chamada Escola Municipal de Tempo Integral Campo Verde, (EMTI Campo Verde), forma que usaremos para citar a escola em questão.

Na figura 1, a seguir apresenta-se imagem da fachada da escola acima mencionada, construída pela Investco no Reassentamento Mundo Novo.

Figura 1 – Muro e fachada da EMTI Campo Verde



Fonte: Arquivo da Autora (2023).

Na figura 2, a seguir, vê-se a escola após a reforma da condição em que se encontra hoje no Reassentamento Mundo Novo.

Figura 2 – Estrutura interna da EMTI Campo Verde



Fonte: Arquivo da autora (2023).

Posteriormente no ano de 2008 houve a necessidade de mudanças na estrutura física da escola devido a passagem de nova rede elétrica de alta tensão que foi construída próximo da escola.

Em razão dessa alteração a escola mudou sua estrutura e passou a contar com mais: 02 salas de aula, 01 laboratório de informática, 01 quadra de areia e foi murada (AMARO, 2016).

As alterações na estrutura física da escola foram necessárias em razão da proximidade com redes de alta tensão que passam ao lado da escola. Na figura 3, a seguir, vê-se a imagem de redes de alta tensão que cruzam a área do Reassentamento e todas passam bem próximo da escola.

Figura 3 - Rede de alta tensão que cruzam o Reassentamento



Fonte: Arquivo da autora (2023).

Durante a realização desse estudo fomos algumas vezes ao Reassentamento e pudemos perceber que existem seis (06) redes de alta tensão que cruzam a área do imóvel na direção de uma subestação da Eletronorte, com o objetivo de interligar redes de distribuição de energia para outras regiões do país. Essas redes de alta tensão passam de um lado e do outro do prédio da escola, o que gerou necessidades de mudanças e o próprio fechamento da escola.

Do ponto de vista da existência das famílias que vivem no Reassentamento, viu-se que algumas articulam sua existência a trabalhos urbanos em espaços públicos e privados, outras se mantêm articuladas ao trabalho agrícola, com o plantio de pequenas hortas voltadas para venda; plantio de mandioca; criação de pequenos animais, porcos e galinhas, bem como criação de vacas leiteiras. Nas figuras 4 e 5 observa-se imagens dessas questões.

Figura 4 - Galinheiro



Fonte: Arquivo da autora (2023).

Figura 5 - Horta no Reassentamento



Fonte: Arquivo da autora (2023).

3.2 Apresentando a Pesquisa de Campo

Neste tópico serão apresentadas também as respostas obtidas através dos questionários aplicados à equipe do corpo docente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Brigadeiro Lísias Rodrigues, e da EMTI Campo Verde, e também as respostas obtidas através do roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os pais/responsáveis pelos alunos. Usou-se nomes fictícios para preservarmos as identidades dos participantes deste estudo.

Foram aplicados questionários (anexo A e anexo B) com questões acerca dos impactos causados pela identidade cultural das crianças que moram no Reassentamento Mundo Novo e estudam na EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues, na cidade de Miracema Tocantins – TO. Fizeram parte desta pesquisa: professores, coordenadora, gestora e os pais/responsáveis das crianças que frequentam a escola. Todos os participantes da pesquisa foram informados, devidamente esclarecidos acerca dos objetivos do estudo e concordaram em participar livremente da referida pesquisa.

3.2.1 A escola rural fechada: o que dizem os professores

A seguir será apresentada a entrevista realizada com uma professora que trabalhou no Reassentamento na EMTI Campo Verde. Obteve-se como resposta à entrevista o perfil da

profissional e podemos destacar que é uma professora de 49 anos de idade, graduada em Pedagogia, especialista em Coordenação Pedagógica e mestranda em Educação; trabalha há 22 anos como professora e atualmente trabalha como supervisora escolar na sede da SEMED – Secretaria Municipal de Educação de Miracema do Tocantins. Na EMTI Campo Verde a mesma atuou como professora, coordenadora e diretora, contabilizando 11 anos.

A professora entrevistada trabalhou na EMTI Campo Verde como Professora, Coordenadora e Diretora por um período de 11 anos; a mesma tem 49 anos de idade, é graduada em Pedagogia, especialista em Coordenação Pedagógica e mestranda em Educação. Trabalha há 22 anos como professora e atualmente exerce atividade como supervisora escolar na sede da Secretaria Municipal de Educação de Miracema do Tocantins (SEMED – TO).

De acordo com as informações dessa professora, a escola que foi fechada no Reassentamento, tem em sua parte física a seguinte estrutura: “seis” (06) salas de aula, uma (01) sala de professores, uma (01) cantina, uma (01) biblioteca, um (01) depósito para armazenar alimentos, um (01) banheiro para funcionários, um (01) banheiro feminino, um (01) banheiro masculino para os alunos, um (01) saguão para o uso de atividades realizadas na escola e a horta escolar. A mesma destacou também que a “escola sempre teve uma importância para a comunidade”, frisando que:

A linha de trabalho que a unidade de ensino empenha em garantir é a qualidade do ensino, esse é o desejo dos professores, alunos e pais da EMTI Campo Verde. Deseja-se uma maior participação, integração e comprometimento, queremos uma escola onde esteja sempre empenhada em buscar a participação e envolvimento dos pais, a fim de que eles se envolvam com a aprendizagem dos filhos. A escola está realmente preocupada com a formação de seus alunos - cidadãos conscientes de seus deveres e direitos perante a sociedade. Com relação à filosofia, a escola cultiva valores e a cidadania, está inserida na realidade universal, atenta às transformações sociais, num ambiente acolhedor que oferece espaço para o crescimento, para a promoção da vida e para a dignidade voltada para a formação integral do ser humano. (RABELO, 2023).

Ao ser questionada sobre a contribuição da escola para a construção da identidade das crianças, a professora afirmou que:

A escola é um espaço para oferecer um ensino integral de qualidade e oportunizar a formação integral do aluno, com professores comprometidos e empenhados em promover a aprendizagem, incentivar a criatividade, à curiosidade e a busca pela informação, possibilitando a construção do conhecimento... é um dos princípios norteadores da instituição, instigando a construção do conhecimento para o exercício da cidadania (RABELO, 2023).

A mesma destacou ainda as dificuldades no processo de ensino aprendizagem das crianças da escola,

a falta constante de alunos e alguns casos de evasão, a escola recebia alunos da cidade que iam no transporte escolar, problemas econômicos, sociais e familiares fazem com que a escola receba um grande número de alunos com dificuldades de aprendizagem e falta de interesse e/ou distúrbios comportamentais, por isso, grande parte dos esforços volta-se para o atendimento destes alunos, sua socialização e avanços no processo educacional. A falta de equipamento necessário para realização dos trabalhos com eficácia e eficiência, participação da família na escola e rotatividade dos alunos, devido os pais mudarem constantemente de local de trabalho, isso prejudica o aprendizado desses alunos que moram e estudavam no campo (RABELO, 2023).

A entrevistada destacou ainda que quanto aos alunos que residiam no assentamento, esses eram assíduos nas aulas. E sobre o processo de fechamento da EMTI Campo Verde relatou “que depois de reuniões entre a gestão municipal e a comunidade sobre a instalação de uma nova rede de energia elétrica a poucos metros da escola, não seria seguro o funcionamento da escola, na visão da mesma não houve prejuízo uma vez que os alunos foram assistidos por escolas da cidade”. Frisou ainda que “a participação dos pais no ambiente escolar não acontecia efetivamente apesar da escola criar diversas estratégias que os mesmos fossem atraídos, dando certos em alguns momentos e em outros não”. Segundo a professora “A dificuldade maior era conciliar rotina de trabalho e os compromissos diários para participarem das atividades na escola”.

Sobre a importância que a EMTI Campo Verde do reassentamento Mundo Novo retorne a funcionar a professora destacou que:

É sempre importante abrir escolas, e não seria diferente se pudessem construir outra escola no reassentamento, já que fechou devido à construção de linhas de transmissão de energia, partisse da empresa uma forma de ajudar na formação e integração de alunos, comunidade e demais aos arredores, priorizando os estudos e a formação de quem mora no campo. (RABELO, 2023).

3.2.2 A EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues, escola onde as crianças do Reassentamento Mundo Novo estudam

Na figura 6 a seguir apresenta-se a imagem da escola urbana onde as crianças do Reassentamento estudam. Trata-se da EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues e fica localizada no Bairro Correntinho.

Figura 6 - Fachada da escola EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues



Fonte: Arquivo da autora (2023).

Observa-se que a escola onde as crianças do Reassentamento Mundo Novo frequentam é ampla e arborizada, contribuindo assim para um melhor acolhimento com os alunos que vivem no campo e estudam na escola urbana na cidade de Miracema do Tocantins.

O quadro 1, apresenta informações sobre os participantes desse estudo. Participaram um total de 03 (três) professoras e a coordenadora da escola onde as crianças estão matriculadas, para manter a identidade das entrevistadas em sigilo resolvemos nomeá-las por nomes de flores. As informações obtidas contribuem para identificar o perfil dos participantes diante da escola pesquisada, a saber: *formação, qual a turma que leciona, número de alunos da turma e tempo de trabalho na escola.*

Quadro 1 - Perfil dos participantes que trabalham na EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues

Participantes	Rosa	Violeta	Girassol	Margarida
Formação	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia
Turma que leciona	2º ano do ensino fundamental	4º ano do ensino fundamental	5º ano matutino e vespertino do ensino fundamental	coordenadora

Número de alunos	23	23	14 e 11 alunos respectivamente e	150 alunos
Tempo de trabalho na escola	2 anos	7 anos	7 anos	8 meses

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa foi realizada com 03 (três) professoras e a coordenadora da EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues. Pesquisa essa realizada através de questionário do qual emergiram 07 (sete) categorias de análise, nas quais os dados serão apresentados e discutidos a seguir. Ei-las: *papel da escola para a construção da identidade cultural; contribuição da escola na formação da identidade das crianças do campo; as dificuldades de ensino aprendizagem dos alunos do campo; razões do histórico de ausência dos alunos do campo e o que a escola tem feito acerca dessa situação; diferenças culturais entre os alunos; ações realizadas pela escola que contribuem para a formação da identidade do aluno do campo; participação dos pais ou responsáveis nas atividades da escola; e a importância de se ter uma escola no Reassentamento Mundo Novo.*

3.2.2.1 Papel da escola para a construção da identidade cultural

A primeira categoria tem como propósito esclarecer sobre o papel da escola na construção da identidade cultural dos alunos. Segue as respostas das participantes:

É de acolher e considerar sua identidade cultural como relevante e crucial, contribuindo assim para o aprimoramento da mesma de uma forma acolhedora. (ROSA)

É no espaço escolar que a criança passa a conviver com outras crianças e o papel da escola é auxiliá-las na construção das relações com o outro, objetivando o desenvolvimento de um cidadão crítico, participativo e principalmente que venha a ser uma pessoa que respeite a individualidade e a opinião do outro. (VIOLETA)

Procurar desenvolver atividades que fale sobre a identidade cultural das crianças valorizando cada uma e respeitando. (GIRASSOL)

A escola é um espaço social com possibilidades de trabalho cooperativo, intelectual e criativo. (MARGARIDA)

Discutir a categoria cultura é uma necessidade no trabalho escolar hoje. Na perspectiva de Santos (2005) há, pelo menos, três razões que justificam esta necessidade. Primeiro, é preciso

considerar que a cultura sempre ocupou uma importância teórica fundamental no campo das ciências sociais/humanas, especialmente no campo da educação, sendo hoje um “veio de discussão consagrado” (BURITY, 2002, p. 7).

Assim, de acordo com Santos (2005) uma segunda razão advém das preocupações mais recentes em torno do tema da identidade, que vem atribuindo à cultura um peso significativo. Os estudos têm apontado que as identidades não são essências que emergem de um eu verdadeiro e único, mas algo que é formado culturalmente, por meio de investimentos simbólicos pelos quais elas se afirmam e se negociam. “Isso significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas” (HALL, 1997, p. 8).

Para além da relação cultura/educação e cultura/identidade, acima apontada, é preciso considerar, ainda – esta é a terceira razão –, a “centralidade” que a cultura vem assumindo nestas últimas décadas, na constituição de todos os aspectos da vida social, por (SANTOS, 2005).

3.2.2.2 *Contribuição da escola na formação da identidade das crianças do campo*

A segunda categoria teve como objetivo elucidar sobre a contribuição da escola na formação da identidade das crianças do campo. Segue as respostas das participantes:

A escola contribui sim para a formação da identidade dos alunos do campo, pois ela os recebe de forma acolhedora e os motiva a se reconhecerem como seres importantes e com valores positivos. (ROSA).

Com certeza. Assim como as demais crianças que vivem na cidade, as crianças que vivem no campo recebem as mesmas orientações e o mesmo tipo de formação, respeitando as experiências trazidas do espaço em que elas vivem. (VIOLETA).

Sim, a escola contribui recebendo os com respeito, empatia e trabalhando conforme suas necessidades. (GIRASSOL).

Sim, com base nos princípios de convivência e solidariedade, justiça, respeito, valorizando a diversidade e na busca de acolhimento. (MARGARIDA).

A perspectiva das falas situa a contribuição da escola no sentido de fortalecer a escola como espaço acolhedor e plural. A figura 7 abaixo mostra uma atividade proposta dentro da sala de aula em que a professora buscou despertar no aluno uma imaginação de como seria o lugar que considera ideal para viver, nota-se que retrata uma típica fazenda no campo, que caracteriza um imaginário distinto do ambiente rural no qual vive e está inserido. Ou seja, a criança aponta, a partir de seu imaginário, provavelmente o que ele verifica que existe nas terras

vizinhas ao lugar onde vive: agricultura moderna, fundada nos maquinários, adubos, galpões de silos.

Figura 7: Atividade de Geografia, na escola urbana.



Fonte: Arquivo da autora, (2023).

No caso do ambiente escolar, durante nossas observações, especialmente ao que se refere a sua parte externa, pode-se observar que são realizadas brincadeiras e atividades ao ar livre, assim como também nota-se a presença de árvores e muitas delas frutíferas o que remete a vida campestre, onde quase todo o sustento alimentício vem da extração do seu próprio solo, e há correlação com o desenho feito pelo aluno dentro da sala de aula conforme figura acima.

Santos (2005, p. 37) diz que a escola é um local privilegiado de afirmação/negação/negociação das identidades culturais, por isso é importante investigar as múltiplas interfaces que se relacionam no contexto escolar, bem como suas relações com o espaço macrossocial, na tentativa de compreender as manifestações culturais que ali são expressadas, silenciadas e negociadas, numa outra palavra: tensionadas. Daí a importância de uma abordagem de caráter etnográfico no trabalho escolar, que possibilite uma sensibilidade para escutar as pessoas envolvidas no cotidiano das ações da escola, pois isso permite mais clareza das tensões identitárias vividas por alunos e alunas do campo na escola da cidade.

A EMEF-Brigadeiro Lísias Rodrigues segundo observações realizadas *in loco* procura de certa forma preservar um pouco do ambiente rural dentro do ambiente escolar.

O estudo da cultura, nas mais diferentes tradições teóricas, tem sido caracterizado como algo de grande complexidade, devido seu envolvimento com um conjunto de variadas relações, nem sempre facilmente desvendadas. O próprio conceito de cultura é de difícil definição, conforme reconhecem vários autores a exemplo de Laraia (2003), Reali (2001), Williams

(1992), etc. Williams (1992, p. 10) refere-se ao conceito de cultura como um “termo excepcionalmente complexo”, ou ainda como “palavra que frequentemente provoca hostilidade ou embaraço” (WILLIAMS, 1969, apud REALI, 2001, p. 53). O termo cultura “é sempre um dos mais equivocados e mais enganadores”; Sylvia Couceiro (2002, p. 32) define-o como “conceito polêmico”, gerador de “dificuldades e imprecisões”. Grande parte destas dificuldades podem ser atribuídas aos diferentes significados que o termo cultura foi incorporando ao longo dos tempos, como aponta Raymond Williams:

Começando com o nome de um processo – cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana – ele se tornou, em fins do século XVIII [...], um nome para configuração ou generalização do espírito que informava o “modo de vida global” de determinado povo, assumindo, nestas últimas décadas, a forma de um sistema de significações mediante o qual [...] uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada (grifos meus). (WILLIAMS, 1992, p. 10; 13).

Do ponto de vista antropológico, a identidade cultural é “a identificação dos membros de um grupo a um modelo cultural comum que assegura unidade simbólica ao grupo [...]; portanto, essa identidade é construída através do processo de toda a socialização, é uma identidade partilhada. São sentimentos, valores, crenças e cosmovisões em comum” (SANTOS, 2004, p. 78).

Outra importante contribuição neste sentido é trazida por Castells (1999), quando destaca a necessidade de se estabelecer uma distinção entre identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjunto de papéis.

[...] Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação [...] as identidades também [podem] ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. (CASTELLS, 1999, p. 22-23).

Portanto, pensar em identidade nos leva a refletir sobre a relação indivíduo-sociedade para definir “quem sou eu”. Neste sentido, identidade é aqui definida como o processo de construção do eu. A identidade do indivíduo é, assim, uma construção que se dá ao longo da vida e se reveste cumulativamente de vários componentes que são constantemente negociados (preservados, eliminados, reelaborados), mantendo, entretanto uma certa coerência e

estabilidade ao indivíduo, definindo-o como sujeito (CIAMPA, 1987). Não resta dúvida do papel que uma instituição educativa como a escola cumpre neste processo.

No caso das populações do campo, especialmente as crianças que vivem no campo, mediadas por todos os elementos humanos, portanto a cultura rural camponesa, mas também as questões da natureza, compreende-se que é fundamental pensar os diferentes processos que fazem parte da formação das crianças.

3.2.2.3 Razões do histórico de ausência dos alunos do campo e o que a escola tem feito acerca dessa situação

Na terceira categoria os pesquisados responderam sobre a frequência dos alunos do campo na escola. Teve-se como resposta:

Faltam devido ao transporte e quanto a esse fato a escola faz as devidas cobranças à secretaria municipal de educação que toma as providências cabíveis. (ROSA).

Os alunos do Reassentamento Mundo Novo foram bastante prejudicados esse ano de 2022, pois o transporte escolar falta muito. No terceiro bimestre as crianças chegaram a faltar mais de quinze dias consecutivos devido à falta de transporte. Lembrando que a escola procurou várias vezes a Secretaria Municipal de Educação solicitando providências. (VIOLETA).

Há histórico de ausências, devido a falta do transporte escolar. A diretora sempre entra em contato com a secretaria da educação comunicando sobre a falta do transporte, a mesma sempre pede para que eles resolvam essa situação. (GIRASSOL).

Há, devido à falta constante do transporte escolar. (MARGARIDA).

As falas acima estão focadas nas ausências das crianças em razão do transporte escolar como sendo um dos problemas vividos pelas crianças e pela escola. O Reassentamento fica distante 25 km da cidade e da escola onde as crianças estudam. A maior parte dessa distância é rodovia asfaltada e somente uns 4km de estrada de terra. Portanto, não é possível, ao poder público, utilizar o argumento da estrada ruim e que, portanto, os veículos quebram direto. Por outro lado, o fechamento da escola existente no Reassentamento coloca como contrapartida exatamente o compromisso e a obrigação do governo municipal de transportar as crianças de forma adequada.

Durante a pesquisa verificou-se, assim como foi mencionado nas falas das professoras, que a escola tem procurado a Secretaria Municipal de Educação no sentido de resolver o problema e que não houve resposta.

3.2.2.4 Diferenças culturais entre os alunos

Na quarta categoria os pesquisados foram indagados sobre as diferenças culturais entre as crianças da sua turma. As respostas foram:

Há diferença cultural sim, pois cada criança vive em um meio cultural que se diferencia. (ROSA).

Com relação às diferenças culturais entre os alunos, busco desenvolver atividades de forma que todos sejam integrados, como roda de conversas e dinâmicas que tem como objetivo engajar todos de forma que cada um exponha suas experiências e vivências. (VIOLETA).

Sim, cada um vem de uma cultura diferente. (GIRASSOL).

Não. (MARGARIDA).

Quando a entrevistada Rosa, afirma que há diferença cultural por conta que cada criança vive em meio em que se diferencia, fica evidenciado que a mesma compreende que há diferença cultural em seu aluno, pois o convívio, o local, e o seu próprio cotidiano faz dele um ser de cultura diferente, o que não significa pensar que este é inferior ao outro, mas sim pensar nas suas culturas local e de vida no campo como sendo parte de saberes diferentes. Girassol, ao responder, afirmando que cada um vem de uma cultura diferente, fica entendido que a cultura é definida como elemento dinâmico da existência humana, pois não há indivíduo que não possua uma cultura própria, na qual todos a criam e difundem. O papel social do indivíduo ou atividade por ele exercida são peculiaridades que são transmitidas ao meio, a própria família ou a grupo social a que pertence, e por isso a sociedade retém e preserva seus valores. As respostas mostram que as professoras compreendem que há diferenças culturais entre seus alunos.

Do ponto de vista de pensar as culturas cumpre destacar a contribuição de Raymond Williams (1921-1988) e a sua influência nos Estudos Culturais. Para ele, a cultura deveria ser entendida como “o modo de vida global da sociedade” e o sistema de significação de um determinado grupo. Esta definição de cultura, no sentido antropológico/sociológico, é retomada pelo autor em uma de suas últimas obras.

Williams (1992, p. 13) define cultura “como um modo de vida global, distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um sistema de significações bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social”.

A partir da definição de Williams (1992), podemos inferir que esses processos culturais, envolvem diferentes dinâmicas e atitudes, todas aprendidas formal ou informalmente, sejam elas relacionadas a crenças, hábitos, linguagem, alimentação, etc. Todos esses fatores

representam expressões culturais, muitas das quais tem suas raízes nas interações familiares. Desse modo, a reflexão sobre os processos culturais inicia-se no universo da criança e contínua ao longo do processo de aprendizagem do sujeito, pois a estrutura cultural herdada e construída em sua família tem o poder de ajudá-lo a desenvolver novos saberes.

3.2.2.5 Ações realizadas pela escola que contribuem para a formação da identidade do aluno do campo

Na quinta categoria os pesquisados falaram sobre as ações que realizam na escola que contribui para a formação da identidade do aluno do campo. Segue as respostas dos pesquisados.

Eu, como professora da turma, faço um trabalho onde todos possam se sentir acolhidos e respeitados no processo de ensino e aprendizagem. (ROSA).

Atividades que busquem valorizar o campo, mostrando a importância desse espaço para todos nós, como a relação de dependência que o meio urbano tem com o meio rural e vice-versa. (VIOLETA).

Realizo atividade interdisciplinar onde todos estão inseridos. (GIRASSOL).

Todas as ações da escola valorizam a diversidade cultural. (MARGARIDA).

Assim como a questão da cultura, discutir identidade significa entrar em um terreno igualmente complexo, polêmico, impreciso e embaraçoso. As dificuldades situam-se tanto na complexidade que, teoricamente, a questão encerra, como pelas diferentes perspectivas em que o tema é abordado. Como colocam alguns autores, dentre eles (SANTOS, 2004), identidade é um conceito que abrange várias dimensões, destacando-se uma dimensão social e outra pessoal. Neste sentido, a questão tem sido abordada sob vários enfoques.

Do ponto de vista da Sociologia, a identidade tem sido definida como “um conjunto de critérios que permitam uma definição social do indivíduo ou grupo, possibilitando localizá-lo em sua sociedade”. [...] “Desse modo a identidade seria uma identidade atribuída por parte de indivíduos e grupos e o sujeito geralmente aceita e/ou participa da atribuição” (SANTOS, 2004, p. 77).

[...] A identidade social de um indivíduo [ou de um grupo] [...] se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social, a uma classe de idade, a uma classe social, uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente (SANTOS, 2004, p. 77).

No que se refere à formulação do conceito antropológico de cultura, é importante destacar a contribuição do pensador inglês Edward Tylor (1832-1917), do alemão Franz Boas (1858-1949) e o inglês Malinowski (1884-1942).

Segundo Laraia (2003), Tylor foi quem primeiro definiu a cultura sob um ponto de vista antropológico: “Tylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética” (1986: 28). Entretanto, cumpre destacar que este pensador, mais do que preocupado com a diversidade cultural, estava preocupado com a igualdade existente na humanidade, como diz Laraia:

A diversidade é explicada por ele como resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução. Assim, uma das tarefas da antropologia seria a de estabelecer, grosso modo, uma escala de „civilização“, simplesmente colocando as nações européias em um dos extremos da série e em outro as tribos selvagens, dispondo o resto da humanidade entre dois limites. (LARAIA, 2003, p. 36).

Já Franz Boas, no fim do século XIX, apresenta fortes críticas ao evolucionismo presentes nos então denominados “métodos comparativos” em antropologia e traz, definitivamente, o tema da diferença para o campo dos estudos antropológicos. “Toda obra de Boas é uma tentativa de pensar a diferença. Para ele, a diferença fundamental entre os grupos humanos é de ordem cultural e não racial” (CUCHE, 1999, apud SOUZA, 2002, p. 4).

3.2.2.6 Participação dos pais ou responsáveis nas atividades escolares

Para Freitas; Santos (2017, p. 76), ao considerar que a família é a primeira educação formal da criança, e em seguida a escola como continuadora do processo educacional, e ambos podem ser parceiros no desenvolvimento escolar do aluno, “no sentido de que as diversificadas ações contribuem para o crescimento intelectual, social, de caráter e formação do indivíduo.”

A família, como instituição na organização social, tem papel crucial quanto à proteção, afetividade, educação e formação social da criança. O artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n. 8.069/1990, versa que: É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público. “[...] assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990).

Desse modo, a sexta categoria tem como propósito elucidar sobre a participação dos Pais ou Responsáveis na vida escolar dos alunos. Segue respostas dos pesquisados:

Os pais do Reassentamento Mundo Novo participam do processo de ensino e aprendizagem, porém deixam a desejar em alguns requisitos, como por exemplo, acompanhar nas atividades para casa, ir na escola periodicamente dos alunos. (ROSA)

Os pais dos alunos do campo são bastantes participativos nas reuniões de pais e também no grupo de whatsapp da turma (VIOLETA).

Não. (GIRASSOL)

Parcialmente. (MARGARIDA).

As falas revelam que a escola, através dos docentes, tem expectativa de que os pais melhorem suas relações com a escola; que participem mais ativamente da formação dos filhos, interessando-se pelas reuniões e acompanhando a aprendizagem e as atividades propostas pela escola.

3.2.2.7 A importância de se ter uma escola no Reassentamento Mundo Novo

A sétima categoria tem como propósito esclarecer sobre a importância de ter uma escola no Reassentamento Mundo Novo. Segue opinião dos pesquisados:

Com certeza deveria ter uma escola no Reassentamento Mundo Novo, pois facilitaria o acesso das crianças à escola e também evitaria transtornos devido ao transporte escolar. (ROSA).

Acho que é necessária uma escola no Reassentamento Mundo Novo, devido ao quantitativo de alunos que residem lá e ainda pela distância do assentamento para a cidade. (VIOLETA).

Com certeza, pois os alunos têm dificuldades em relação ao transporte escolar. (GIRASSOL)

É importante, porém a demanda no local é insuficiente para a oferta, é importante frisar que a escola não foi desvinculada da Rede, no momento os alunos estão sendo atendidos pelas escolas da cidade, devido ao quantitativo de alunos no local inviável a manutenção para funcionamento da mesma. (MARGARIDA).

Durante nossa presença na comunidade foi possível observar que esta sente falta da escola funcionando no Reassentamento. Várias pessoas, jovens e de mais idade mencionam, a partir da memória, o período em que a escola funcionava e muitos não entendem as razões do fechamento e consideram muito importante a reabertura da escola na comunidade.

Uma das famílias visitadas na comunidade revelou o desejo de que a escola volte a funcionar e mencionou que “*é muito difícil a situação do transporte*”. E complementa: “*Aqui em casa essa menina tem que acordar de madrugada e isso mudou nossa rotina e a dela*”.

O conteúdo das falas acima revela que as professoras mencionam razões burocráticas do governo municipal justificando o fechamento da escola, argumentando a pouca demanda de crianças. Por outro lado, há fala que coloca a responsabilidade pelo transporte para os pais e isso não é correto, pois quem é responsável pelo transporte é o governo municipal de Miracema, que decidiu pelo fechamento da escola e, portanto, assumiu o compromisso de transportar as crianças da comunidade para a escola na cidade e não vem cumprindo adequadamente sua obrigação.

É importante considerar que não é possível definir um único elemento como definidor dos problemas que vivem as crianças da comunidade em relação a sua vida escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste estudo foi investigar os impactos causados para as identidades culturais de crianças que vivem no campo e estudam na escola da cidade de Miracema do Tocantins. Realizamos uma pesquisa qualitativa baseada em uma pesquisa de campo. Organizou-se a apresentação da monografia em três seções. A primeira denominada “Motivações acadêmicas e pessoais e o percurso da pesquisa”, articulada em dois itens: a introdução, propriamente dita e segundo é o espaço em que se colocou o percurso metodológico da pesquisa.

Na segunda seção, denominada “Escola rural e escola do campo”, apresentamos o debate e as discussões acerca dessas duas possibilidades de pensar a oferta de educação básica para as populações do campo.

Na terceira seção, demonstramos o debate oriundo das leituras e discussões acerca do fechamento da escola, sobre a possibilidade da escola contribuir com a construção da identidade das crianças e, foi realizado mediado pela pesquisa de campo realizada em dois espaços a escola que recebe as crianças transportadas e a comunidade do Reassentamento Mundo Novo, local onde residem as crianças.

Este estudo mostrou que considerando o princípio de que as comunidades do campo precisam de uma educação que seja *no* e *do* campo e que a escola deve valorizar os saberes, a identidade cultural, a história, seus valores assim como as lutas dos camponeses nos processos formativos, enfatiza a importância de uma escola na comunidade para atender os estudantes que ali vivem para que os mesmos tenham acesso à educação de qualidade sem que haja necessidade de se deslocarem para o meio urbano onde muitas vezes seus costumes e valores não são respeitados e acabam perdendo sua essência e identidade cultural por conviver em um meio tão diferente da sua realidade.

Em relação ao deslocamento dos alunos do campo para as escolas urbanas nos permitiu pensar mais amplamente sobre o problema que envolve o fechamento dessas unidades escolares do campo, pois, como foi notado nas visitas *in loco* no decorrer desse estudo, os alunos enfrentam diariamente infortúnios e problemas recorrentes com a ausência do transporte escolar, mesmo havendo boas estradas e considerando a proximidade da comunidade com a cidade, como comprovam as falas de representantes da escola urbana onde as crianças estudam e nossa observação na comunidade.

Evidenciamos com este estudo que os espaços rurais constituídos pelos povos camponeses se encontram excluídos, pois quando se instituiu a concretização da educação

formal no Brasil, o acesso a ela ficou exclusivamente para poucos grupos privilegiados, enquanto que os cidadãos do campo foram esquecidos dessa “conquista educacional”, uma vez que as escolas do campo estão se fechando e seus alunos sendo alocados em escolas da cidade, mas o poder público não está garantindo adequadamente o transporte das crianças.

Durante a realização desse estudo observamos que é importante a existência de políticas públicas que garantam aos filhos dos trabalhadores do campo acesso à educação no campo e ou na cidade, no entanto, no caso desse estudo, essa garantia não vem se confirmando na prática, pois a comunidade do Reassentamento Mundo Novo, assim como professores entrevistados revelaram que há problemas que estão impedindo o acesso à educação de crianças do assentamento.

Deste modo, é preciso proporcionar uma educação de qualidade, pensada e articulada com os camponeses, onde tenham seus costumes, crenças, cultura e identidade preservadas. Entretanto, o que se vê é que de fato a educação destinada a esta população é bastante distante de sua identidade, seguindo os parâmetros urbanos de ensino, sendo que o padrão de ensino da área urbana é transplantando para as escolas situadas no campo. No caso deste estudo, percebeu-se que a ação do governo chegou ao extremo de fechar uma escola rural e transformá-la em um almoxarifado de material da Prefeitura de Miracema.

Assim, consideramos que a escola é de suma importância para a comunidade, pois é através da instituição de ensino que as relações sociais se arquitetam e há, por conseguinte, a influência mútua entre os sujeitos da própria comunidade e/ou com comunidades próximas por meio de atividades pertinentes à escola. Importante ressaltar que o fechamento de escolas rurais traz reflexos quanto a própria identidade do indivíduo que se vê em uma realidade à qual não pertence e devido a isso seu rendimento escolar torna-se prejudicado.

Assim sendo, compreendemos que o fechamento de escolas rurais trazem prejuízos não somente aos educandos, mas também a toda a comunidade do local, tendo em vista que a instituição de ensino aborda temas que são de interesse coletivo, além de contemplar as particularidades e peculiaridades da população local.

Concluimos, a partir deste estudo, que é essencial a existência de escola na comunidade rural, mas isso não elimina a reivindicação de que as escolas do campo sejam equipadas e que possam proporcionar condições regulares para os estudantes, pois o encerramento não é a única saída para resolução de problemas que vêm a surgir na escola, haja vista que é imprescindível considerar especialmente a identidade e as vivências que lá foram construídas, bem como proporcionar segurança e conforto para os alunos atendidos.

Contudo, ressaltamos que muito já foi conquistado na forma da lei, mas ainda há muito a se fazer no que refere à consolidação e concretização do que está estabelecido legalmente. O que ainda falta é precisamente a inserção mais ativa das comunidades e de políticas públicas que realmente sejam voltadas essencialmente à educação nesse contexto social, pois não podemos deixar de mencionar a falta de interesse pela educação por parte dos gestores públicos que infelizmente não a veem como algo prioritário e indispensável para todo e qualquer população, seja ela urbana ou rural, contanto que sejam preservadas sua identidade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Mayka Danielle Brito. **Reforma Agrária e Reconhecimento: o caminho da autonomia e liberdade das camponesas-quebradeiras de coco babaçu da região do Bico do Papagaio.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.
- AMARO, Lyllian de Oliveira. **O ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Monografia (Graduação), Curso de Pedagogia, UFT, Campus de Miracema: Miracema do Tocantins, 2016.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação do campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 214 p.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: Constituição https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 02 fev. 2023.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.
- BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo,** Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002.
- BURITY, Joanildo (Org.) et al. **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CALAZANS, Julieta. Para compreender a educação do Estado no meio rural – traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques e DAMASCENO, Maria Nobre (Org.). **Educação e escola no campo.** Campinas: Papirus, 1993. 4al. Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp.11-28
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Vol. II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999, p. 21-87.
- CIAMPA, Antônio Carlos. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2001. (1a. impressão, 1987).
- COUCEIRO, Sílvia. Os desafios da história cultural. In.: BURITY, Joanildo (Org.) et al. **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FERNANDES, B. M. **A questão Agrária no Brasil Hoje: subsídios para pensar a educação do campo.** Cadernos Temáticos – Educação do Campo. SEED/PR. Curitiba, 2005.
- FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. **Educação e políticas de fechamento de escolas do campo.** In: **Anais do VII Seminário do Trabalho: Trabalho, educação e políticas sociais no século XXI,** 2012, Marília/São Paulo.

FREITAS, Luciana Cássia de; SANTOS, Rosane Oliveira. A importância da família no contexto escolar para o desenvolvimento da criança. **Revista Eletrônica da Divisão de Formação Docente**, v. 4, n.2 - 2º semestre 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/diversapratica>. Acesso em: Jun. 2023.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16a ed. Rio de Janeiro: Zahar: 2003. (1a ed.: 1986).

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LEITE, José Carlos. **Resistência e Transformação do Campesinato no Sudoeste Mato-Grossense: aspectos educativos da luta pela terra: o caso do assentamento Mirassolzinho-Jauru/MT**. Cuiabá: ed. da UFMT, 1993.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 2. Ed. São Paulo: Globo, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21º Ed. Petrópolis. Vozes: 2002.

MOURA, Abdalaziz de. Filosofia e princípios da PEADS (Pe) e do CAT (Ba). In: BATISTA, Francisca Carneiro e BATISTA, Naidson Quintela (Org.). **Educação rural: sustentabilidade do campo**. Feira de Santana-Ba: MOC; UEFS; Pernambuco: SERTA, 2003.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**. São Paulo: Cortez, 1992.

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

REALI, Noeli Gamelli. **Ouvidos dominantes, vozes silenciadas: a presença/ausência dos migrantes rurais no currículo escolar urbano**. Chapecó-SC: Argos (UNOESC), 2001.

SANTOS, Fábio Josué Souza. **Nem “tabaréu/oa”, nem “doutor/a”**: o(a) aluno(a) da roça na escola da cidade - um estudo sobre identidade e escola. Fábio Josué Souza dos Santos – Salvador, Ba. [s./n] 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2014.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009. P. 31 -42.

SOUZA, Marcelo Gustavo A. Diferença e tolerância: por uma teoria multicultural da educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25, set./out. 2002, Caxambu-MG. Anais eletrônicos... Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso: 20 maio 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário para professores da Emef-Brigadeiro Lísias Rodrigues/Escola Urbana onde os estudantes do Reassentamento Mundo Novo estudam

APÊNDICE B – Questionário da professora que trabalhou na Emti Campo Verde no Reassentamento Mundo Novo

APÊNDICE A – Questionário para professores da Emef-Brigadeiro Lísias Rodrigues/Escola Urbana onde os estudantes do Reassentamento Mundo Novo estudam



Universidade Federal do Tocantins

Campus Miracema

Curso de Pedagogia

TEMÁTICA: IMPACTOS PARA A IDENTIDADE DE CRIANÇAS QUE VIVEM NO CAMPO E ESTUDAM EM ESCOLA URBANA NA CIDADE DE MIRACEMA DO TOCANTINS.

AUTORA/DISCENTE: Maria Patrícia Dos Santos Rabelo (patricia.rabelo@mail.uft.edu.br)

ORIENTADOR: Prof. Dr. Antonio Miranda de Oliveira

Senhor/a participante/colaborador/a da pesquisa

Esse estudo é uma pesquisa monográfica de conclusão do Curso de Pedagogia. Seu objetivo principal é **“Investigar os impactos causados para as identidades culturais de crianças que vivem no campo e estudam na escola da cidade em Miracema do Tocantins”**. Respondendo a este questionário você nos autoriza a utilizar essas informações no relatório da pesquisa e em atividades de extensão construídas a partir dela. Comprometemo-nos a retornar com as informações, para vocês e a escola, ao final do trabalho. Para sua identificação vamos usar nome fictício. A qualquer momento você pode nos desautorizar a usar as informações prestadas. Muito obrigada.

- 1) Identificação do/a entrevistado/a: a) qual é o seu nome? b) Qual sua formação? c) para qual ano você leciona? d) número de alunos na turma; e) tempo que trabalha na escola?
- 2) Informe, que papel tem a instituição escolar para a construção da identidade cultural das crianças?

- 3) A escola contribui para a formação da identidade das crianças que vivem no campo? Pode nos informar como isso ocorre?
- 4) Os alunos do Reassentamento Mundo Novo, participam das aulas com frequência ou há histórico de ausências? Pode informar as razões da ausência, o que a escola faz nessa situação?
- 5) Você considera que há diferenças culturais entre as crianças da sua turma? Comente sobre essa questão.
- 6) Que ações você realiza na escola que contribui para a formação da identidade do aluno do campo?
- 7) Os Pais ou Responsáveis pelos alunos participam acompanham a educação dos alunos ou participam das reuniões na escola?
- 8) Você acha importante ter uma escola no Reassentamento Mundo Novo para melhor atender os estudantes que residem naquele lugar?

APÊNDICE B – Questionário da professora que trabalhou na Emti Campo Verde no
Reassentamento Mundo Novo



Universidade Federal do Tocantins

Campus Miracema

Curso de Pedagogia

**TEMÁTICA: IMPACTOS PARA A IDENTIDADE DE CRIANÇAS QUE VIVEM NO
CAMPO E ESTUDAM EM ESCOLA URBANA NA CIDADE DE MIRACEMA DO
TOCANTINS**

AUTORA: MARIA PATRÍCIA DOS SANTOS RABELO

patricia.rabelo@mail.uft.edu.br

ORIENTADOR: Prof. Antônio Miranda de Oliveira

Senhor/a participante/colaborador/a da pesquisa,

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada: “Impactos para a identidade de crianças que vivem no campo e estudam em escola urbana na cidade de Miracema do Tocantins”. Seu objetivo principal é “investigar os impactos causados para as identidades culturais de crianças que vivem no campo e estudam na escola da cidade de Miracema do Tocantins”. Respondendo a este questionário você nos autoriza a utilizar essas informações no relatório da pesquisa e a pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para os fins desta pesquisa. Para sua identificação vamos usar nome fictício. A qualquer momento você pode nos desautorizar a usar as informações prestadas. Muito obrigada.

1. Identificação do/a colaborador/a:

a) Fale sobre você (nome, idade, formação, tempo de experiência, tipo de contrato de trabalho, estado civil, se tem filhos).

b) Função e local de trabalho atual

c) Você trabalhou na EMTI Campo Verde (se possível informe quanto tempo e qual função e em que ano).

2. Fale sobre como era a EMTI Campo Verde naquele momento.
3. Você considera que a escola é um espaço que contribui para a construção da identidade das crianças?
4. Quais dificuldades você percebe no processo de ensino aprendizagem das crianças da escola?
5. Os alunos do Reassentamento Mundo Novo participavam das aulas com frequência?
6. Como se deu o processo de fechamento da escola? Trouxe prejuízo para a comunidade e as crianças?
7. Você conhece e já trabalhou na EMTI Campo Verde. As crianças que vivem no Reassentamento e estudam em escolas da cidade têm sua identidade cultural respeitada, fortalecida? (Fale sobre isso, por favor).
8. Os Pais/ Responsáveis dos alunos participavam das reuniões na escola?
9. Você acha importante que a EMTI Campo Verde do reassentamento Mundo Novo retorne a funcionar para melhor atender as crianças e jovens que residem naquele lugar?